

Considerações léxico-culturais da Vila de Catalão-GO: uma análise de Autos de partilhas manuscritos do século XIX

Lexical and cultural considerations of the village of Catalão (GO):
analysis of sharing process manuscripts of the 19th century

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i2.31083>

Maria Gabriela Gomes Pires

Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás. Possui graduação em Letras pela mesma instituição. Atualmente é aluna de doutorado do Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

E-mail: piresmgg@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6784-0720>

RESUMO

Com base na perspectiva de que as características culturais e sociais estão arraigadas na estrutura lexical de uma língua, este texto tem como objetivo discutir e demonstrar, com base na análise de três autos de partilhas manuscritos na Vila de Catalão nos oitocentos, considerações que dizem respeito a categorização lexical. Para que isso fosse alçado, o texto foi organizado na seguinte ordem: (i) discussão teórica sobre língua e léxico, fundamentados em autores como Biderman (2001), Vilela (1979), Coseriu (1977), Paula (2005), entre outros; (ii) caracterização dos manuscritos analisados, a saber, um processo de partilha e inventário de bens de Joze Ribeiro da Silva, exarado em 1839, um processo de conto de testamento de bens de Joaquim Jose da Silva, lavrado em 1841, e um processo de partilha e inventário de bens de Claudio Francisco Ferreira, publicado em 1851; (iii) breve contextualização histórica de Catalão do século XIX, com base nos autores Palacín (1994) e Azzi (1937); (iv) arrolagem dos itens lexicais que se referiam aos bens deixados em herança; (v) análise semântica dos bens listados, com o auxílio das definições de Moraes Silva (1813). O léxico é um conjunto de lexemas que estruturam um sistema aberto linguístico, por isso é impossível que todos saibam e utilizem os mesmos itens lexicais, sendo assim, cada comunidade escolhe o seu vocabulário com base nas suas realidades. Portanto as lexias, como escravo e carro de boi arquivadas manuscritamente nos autos, são representações da realidade socioculturais dos sujeitos catalanos, em parte do século XIX.

Palavras-chave: Manuscritos oitocentistas. Catalão. Análise lexical. Autos de partilhas. Sudeste goiano.

ABSTRACT

Based on the perspective that cultural and social characteristics are rooted in the lexical structure of a language, this paper aims to discuss and demonstrate, based on the analysis of three manuscripts of sharing manuscripts in Vila of Catalão in the eight hundred, considerations that concern lexical categorization. For this to be raised, the text was organized in the following order: (i) theoretical discussion about language and lexicon, based on authors such as Biderman (2001), Vilela (1979), Coseriu (1977), Paula (2005), among others; (ii) characterization of the analyzed manuscripts: a process of sharing and inventory of assets of Joze Ribeiro da Silva, drafted in 1839, a process of property of Joaquim Jose da Silva, drawn up in 1841, and a process of Claudio Francisco Ferreira's inventory, published in 1851; (iii) brief historical contextualization of Catalão on 19th century, based

on the authors Palacín (1994) and Azzi (1937); (iv) listing of lexical items that refer to goods left in inheritance; (v) semantic analysis of listed objects of inheritance, with the help of the definitions of Morais Silva (1813). The lexicon is a set of lexemes that structure an open language system, so it is impossible for everyone to know and use the same lexical items, so each community chooses their vocabulary based on their realities. Therefore, the lexias, as a slave and ox cart, handwritten in the file, are representations of the sociocultural reality of Catalão subjects in part of the nineteenth century.

Keywords: Nineteenth century manuscript. Catalão. Lexical analysis. Process of sharing and inventory. Southeastern Goiás.

Considerações iniciais

Por realizar estudo de viés lexical em fontes manuscritas, este texto se fundamenta no campo profuso da interdisciplinaridade entre filologia e linguística, pois, de acordo com Paula (2013, p. 41), que também realiza estudos nesta perspectiva, “toma a palavra, mote de investigação de tantas ciências humanas, com seu objeto; também porque se inscreve na seara de documentos históricos, o monumento materializado em palavras e discursos em linha e folhas amarelecidas pelos tempos”.

A perspectiva que norteia este trabalho é consoante à adotada por estudiosos da área do léxico, como Biderman (2001), Vilela (1979), Paula (2005), entres outros, que corroboram a concepção de que o homem organiza os signos linguísticos através de associações de conceitos e conhecimentos armazenados na memória e obtidos com as experiências e vivências no seu meio social e cultural.

É nesta indelével relação entre língua e cultura que o conhecimento é gerado e armazenado através de um arranjo associativo de palavras e conceitos que constituem o léxico de uma língua. Por meio desta teoria, foi possível alçar o nosso objetivo que é dar a conhecer os bens deixados em herança descritos em autos de partilhas lavrados na Vila de Catalão no século XIX e, através dela, a história cultural vigente na região.

No escopo de conhecer a vida das pessoas atuantes nessa região à época, recorreremos a três autos de partilhas manuscritos lavrados, respectivamente, nas décadas de: 30, 40 e 50, período que a região de Catalão estava configurada na categoria de Vila. Considerando que essa categoria perdurou na região por três décadas, de quando se emancipou como Vila em 1837 até o ano de 1859, quando a cidade se municipalizou (PALACÍN; CHAUL; BARBOSA, 1994).

Para dar cabo ao intuito de fazer conhecer, mesmo que de forma basilar, alguns dos pertences que estruturaram a realidade social e, conseqüente, cultural dos sujeitos catalanos a época do material, foi feita a arrolagem dos bens que descreviam os patrimônios dos usuários a época e, a partir de consultas a dicionários da época em comparação com um dicionário atual, fornecida a definição semântica de cada palavra, com ajuda da teoria de campos elaborada por Coseriu (1977).

1. Categorização lexical

Como supra introduzido, este trabalho se ancora na ideia de que a língua é organizada em consonância com o meio social e cultural dos sujeitos que dela se utilizam, isto porque, de acordo com Benveniste (2006), existe uma relação mútua entre língua e cultura, vez que a cultura é expressa e observada na língua e, por sua vez, a língua é um dos elementos que constitui a cultura. Um dos

subsistemas da língua que melhor expressa tais características é o léxico, o nível responsável por atribuir significado condicionado ao referente extralinguístico.

Para Bideman (2001), o léxico de uma língua natural é responsável por registrar o conhecimento do universo, que nada mais é que o conteúdo informativo que a palavra representa. Ao nomear os objetos do universo, o homem os classifica e os caracteriza simultaneamente, por este motivo, a nomeação da realidade pode ser abalizada como o princípio da etapa de trajeto científico do espírito humano de conhecimento do universo. Este conteúdo é responsável por assinalar as diferenças entre os inúmeros vocábulos existentes dentro de uma língua. Posto isto, não é possível compreender a língua sem se depreender do conceito de cultura, pois, como bem posto por Isquierdo, baseada nos princípios de Biderman,

[...] investigar uma língua é investigar também a cultura, considerando-se que o sistema lingüístico, nomeadamente o nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, o estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo (ISQUERDO, 2001, p. 91).

A cultura é definida por Benveniste (2006) como um reunido de padrões de conhecimentos, costumes, crenças e comportamentos que um determinado grupo social utiliza. Em razão dos inúmeros grupos e seus variados comportamentos e discursos é que a cultura, segundo Bosi (2002), deve ser considerada por uma perspectiva pluralista, porque não é única, coesa, e assentada em apenas uma qualidade, sendo assim, podemos ratificar, igual a Bosi (2002), que não há uma cultura que seja única e singular. Para o autor, admitir a pluralidade cultural é uma etapa decisiva para entendê-la como um “efeito de sentido”, fruto de um processo de várias interações e oposições no tempo e espaço.

A língua, de acordo Saussure (1970), responsável por organizar a cultura, é um sistema estruturado por signos e as suas possibilidades combinatórias. Como dito, o léxico nesta estrutura é classificado como o nível linguístico incumbido do registro do conhecimento de mundo semântico que é atribuído a um referente de um signo. É meritório destacar que esse conhecimento acumulativo nos acervos de signos nada mais é que um acervo de lexemas.

Compreende-se lexemas como as unidades lexicais enquanto acervo; quando a unidade lexical é utilizada em um discurso, seja ele oral ou escrito, denominamo-las de lexia. Adotamos essa distinção de Pottier (1978) que tem como principal princípio de que uma palavra não é construída apenas durante o ato da comunicação, mas retirada do arquivo de sua memória lexical. É importante salientar que não são todas as unidades lexicais armazenadas por um usuário utilizadas ativamente nos seus

discursos, em razão da amplitude de palavras existentes é que o ser humano possui mnemonicamente dois acervos: o de léxico ativo que são os utilizados corriqueiramente nos seus discursos e o léxico passivo que fica por tempo indeterminado no acervo e são utilizados apenas para discernimentos de determinados discursos.

É necessário considerar aqui também que a competência linguística é decorrente da categorização do real, ou seja, só é possível graças à representação da realidade através dos signos linguísticos, o que afina a ideia de que a conceptualização do mundo é feita através das comunicações do homem com o mundo, de maneira que o falante o rotula em concordância a sua visão de mundo, então, o léxico não é uma cópia acurada da realidade, mas uma percepção de mundo.

Sendo assim, a utilização das lexias que irão representar um grupo só é utilizada no discurso após o amadurecimento da competência linguística, que os permitirão utilizar tanto o léxico ativo quanto o passivo, tendo habilidade de compreensão e utilização em discurso, seja o oral ou o escrito.

Para Coseriu (1977), a língua é um conjunto de lexemas categorizados, que nada mais é o acervo lexical que representa a visão sociocultural de uma determinada comunidade. Um grupo linguístico categoriza as unidades lexicais que irão representa-los discursivamente de acordo com suas concepções de vivência social. Esses lexemas categorizados se assemelham entre si e são agrupados por uma rede semântica. A esses grupos, Coseriu (1977) nomeou de campo léxico. É por esta perspectiva que analisamos as lexias arroladas dos autos de partilhas manuscritos do século XIX a serem descritas nas sessões seguintes.

Vilela (1979) baseado nos pressupostos sobre articulação elaborados por Humboldt e nos conceitos de Trier, corrobora que os campos léxicos são ordenados em uma teia semântica que ficam a disposição dos falantes. Estas unidades ficam a disposição de seus usuários no eixo sintagmático e paradigmático de acordo com as necessidades de uso no discurso. É importante mencionar ainda que a aquisição lexical de um indivíduo é construída através da interação verbal dos falantes da mesma comunidade linguística, proporcionando com que as suas unidades lexicais e, conseqüentemente, características culturais se torne e/ou se mantenha efetiva.

Outro importante autor que defende a perspectiva de língua arraigada a cultura e Sapir (1969), a este respeito, o autor pontua que,

O léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de tôdas as idéias, interêsses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade; e, por isso, se houvesse à nossa disposição um tesouro assim cabal da língua de uma dada tribo, poderíamos daí inferir, em grande parte, o caráter do ambiente físico e as características culturais do povo considerado (SAPIR, 1969, p. 45).

Com base nos fundamentos dos autores mencionados, depreende-se os padrões que caracterizam uma cultura podem se modificar de acordo com os ambientes e períodos, o que a caracteriza como plural e não singular. É este motivo que justifica a característica de sistema aberto da língua, defendida por Biderman (2001), que faz com que a língua tenha limites indefinidos que incorpora, abandona e reestrutura a todo momento inúmeras lexias em conformidade com as mudanças exigidas pelas novas realidades, melhor expondo: “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos lingüísticos: as palavras” (BIDERMAN, 2001, p. 13).

Nesse sentido, a língua é um instrumento apto a divulgar e representar todas as situações sociais e culturais de uma comunidade. No encalço de corroborar a concepção defendida por estes autores, apresenta-se nas sessões seguintes algumas lexias arroladas nos manuscritos mencionados na introdução e lavrados em Catalão no século XIX.

2. Autos de partilhas oitocentistas de Catalão

Um meritório suporte para o registro de informações é o texto escrito. Até pouco menos de um século, um dos materiais mais utilizados para o guardar da memória e história de sujeitos pretéritos e suas práticas socioculturais eram os textos manuscritos. Estes escritos preservam a memória social dos indivíduos e do grupo que o redigiu, responsável por gravar o modo de expressão de identidade, seja ele individual ou coletiva, da época que foi elaborada. O texto é um registro que permite compreender e explicar as sociedades que nos antecederam por intermédio da língua arquivada manuscritamente. Como posto, a língua transcrita nesses materiais retém valores culturais que foram vigentes na época em uso.

Destarte, através desses registros lingüísticos arquivados nos materiais que foram analisados neste trabalho foi possível conhecer a história de uma determinada língua em suas mais variadas interfaces, graças ao encargo dos escrivães em registrar manuscritamente, sob a égide das normas jurídicas, a história material das famílias e, conseqüentemente, do acervo lexical da língua de um grupo.

Os documentos de onde listamos as lexias foram lavrados em Catalão no século XIX. Este material foi lido e editado na pesquisa de mestrado intitulada “De bens de herança a bens culturais: um estudo lingüístico de autos de partilhas oitocentistas de Catalão-GO”. O acesso a este *corpus* foi obtido por intermédio do projeto de pesquisa alcunhado “Em busca da memória perdida: estudos sobre escravidão em Goiás”, que conta com o fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG).

O escrivão mais recorrente nestes três processos foi Camilo Jose de Oliveira Novaes. O manuscrito de 1839 inventaria os bens do falecido Joaquim José da Silva descritos em um processo composto por 55 in-fólios, o documento de 1841 é um conto de testamento do Joaquim José da Silva narrado em 24 in-fólios e o processo de 1851 composto por 44 in-fólios narra os bens de Claudio Francisco Ferreira.

A popularização da região de Catalão durante e após a entrada e passagem das bandeiras acarretou a criação dos polos essenciais para a criação de qualquer urbe, entre elas, as instituições jurídicas responsáveis pela organização social da região. Os documentos redigidos por esta instituição tinham como escopo organizar e registrar socialmente a comunidade.

Os autos de partilhas, apesar de estarem redigido em linguagem tabular, própria dos documentos do gênero jurídico, uma vez que eram elaborados em conformidade com as regras do Título XCVI do Livro IV das Ordenações Filipinas, promulgado em 1603, trazem nos testamentos, inventários e partilhas a descrição dos bens que eram usados diretamente pelas pessoas da região. Por isso, como explicam Lima e Silva (2010), este tipo documental é uma meritória fonte histórica para a reconstituição da História do Brasil, desde o século XVI até o presente. O que foi transcrito neste documento e deixado como herança eram elementos de valor à época responsável por caracterizar e conduzir o *modus vivendi* dos seus proprietários.

Antes de tudo, o estudo linguístico apenas foi possível graças ao estudo filológico que foi realizado durante a pesquisa de mestrado mencionada acima. Melo (1975) explicita que a Filologia é uma ciência histórica que oferece conhecimentos atestados e expressos acerca de uma língua arquivada graficamente nos textos escritos.

O trabalho do filólogo, como explica Cambraia (2005), em transcrever os documentos o mais próximo da forma genuína e divulgá-lo em um novo suporte e, quiçá, para um novo público, contribuiu para a prosseguimento da transmissão e resguardo do conteúdo do patrimônio deixado por gerações anteriores. Por esta informação, percebe-se o quão cuidadoso devem ser as edições de um texto, por isso, garantir essas questões ao mesmo tempo que fosse possível garantir também que o estudo lexical fosse realizado, os documentos analisados neste trabalho foram transcritos conforme com as normas da semidiplomatica¹ postuladas em Megale e Toledo Neto (2005), pois esse tipo de transcrição prima pelo conservadorismo da língua, preservando o seu estado de quando foram elaborados, todavia possibilitando que o editor faça algumas intervenções, das quais se destacam:

¹ As edições dos manuscritos ilustrados neste trabalho podem ser acessadas no link: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/5016/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Maria%20Gabriela%20Gomes%20Pires%20-%202015.pdf>>.

As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas na abreviatura, obedecendo os seguintes critérios: Respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiosincrasias ortográficas do escriba [...].

Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. [...].

A pontuação original será rigorosamente mantida. [...].

A acentuação original será rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração. [...] (MEGALE; TOLEDO NETO, 2005, p. 147-148).

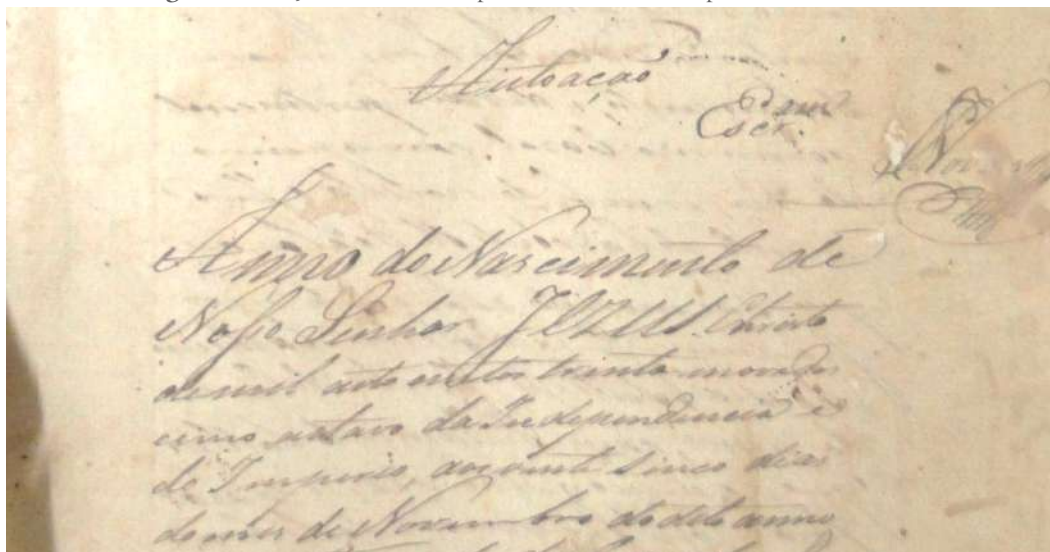
Informar sobre as normas filológicas que auxiliaram na interpretação e transcrição do material faz-se necessário, pois, como explica Fachin (2008), oportuniza que as conclusões do material possam ser investigado também por outros pesquisadores. Por isso, abaixo, apresenta-se um exemplo com parte dos fac-símiles da primeira página, isto é, do introito, junto a suas transcrições semidiplomáticas. Vale lembrar que, metodologicamente, todos os fólhos que compõem os três processos foram digitalizados, alguns, inclusive, precisaram passar por tratamento de *software* de imagens para que pudessem ficar legíveis ao consulente. Não é apresentado o manuscrito por completo, pois a extensão das normas não permite, todavia as transcrições e os fac-símiles podem ser consultados na pesquisa de mestrado mencionado nos trechos anteriores e no acervo do LALEFIL², respectivamente. Também elaborou-se uma breve ficha codicológica, seguindo parte dos critérios proposto por Cambraia (2005), contendo informações referentes à localização do documento, de que material é feito e como é composto, com breves informações sobre a escrita.

Quadro 01 - Ficha codicológica: Processo de 1839.

Cota	Catalão; Arquivo do Fórum da Comarca de Catalão; Processo 211765 da caixa I-21-A
Datação	25 de novembro de 1839 (f. 2r)
Lugar de origem	Fazenda dos Casados, Vila do Catalão, Comarcade Santa Cruz
Composição	55 fólhos; formato in-fólio
Organização de página	1 coluna em cada fólio; número de linhas variáveis em cada fólio; sem pauta; numeração por foliação
Conteúdo	Versa sobre a repartição da herança de Joaquim José da Silva

Fonte: a própria autora adaptado de Cambraia (2005)

² Laboratório de Estudos do Léxico, Filologia e Sociolinguística, da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão.

Imagem 1 – Edição fac-similar de parte do fl. 1r, auto de partilha de 1839.

Transcrição semidiplomática de parte do fl. 1r, auto de partilha de 1839:

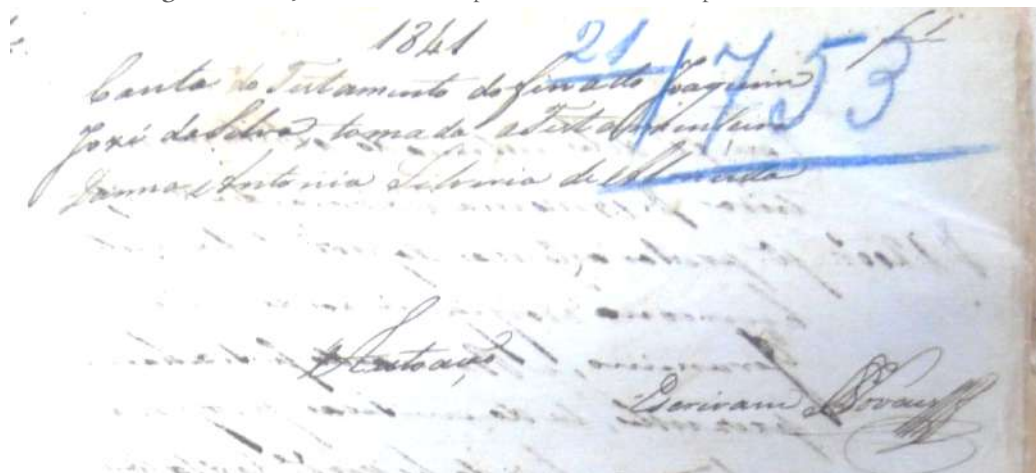
||01r.|| Autoação | Escrivam | <Novaes> | Anno do Nascimento de | Nosso Senhor Jezus Christo | demil oitocentos trinta e nove | cimo oitavo da Independencia e | do Imperio, aos vinte e cinco dias | do mes de Novembro do dito anno |

Quadro 02 – Ficha codicológica: Processo de 1841.

Cota	Catalão; Arquivo do Fórum da Comarca de Catalão; Processo 211753 da caixa I-21-A
Datação	04 de setembro de 1841 (f. 1r)
Lugar de origem	Vila do Catalão Comarca de Santa Cruz da Província de Goiás
Composição	24 fólhos; formato in-fólio
Organização de página	1 coluna em cada fólio; número de linhas variáveis em cada fólio; sem pauta; numeração por foliação
Conteúdo	Versa sobre os pagamentos do monte-menor da herança de Joaquim José da Silva processada em 1839.

Fonte: a própria autora adaptado de Cambraia (2005).

Imagem 2 – Edição fac-similar de parte do fl. 1r, auto de partilha de 1841.



Transcrição de parte do fl. 1r, auto de partilha de 1841:

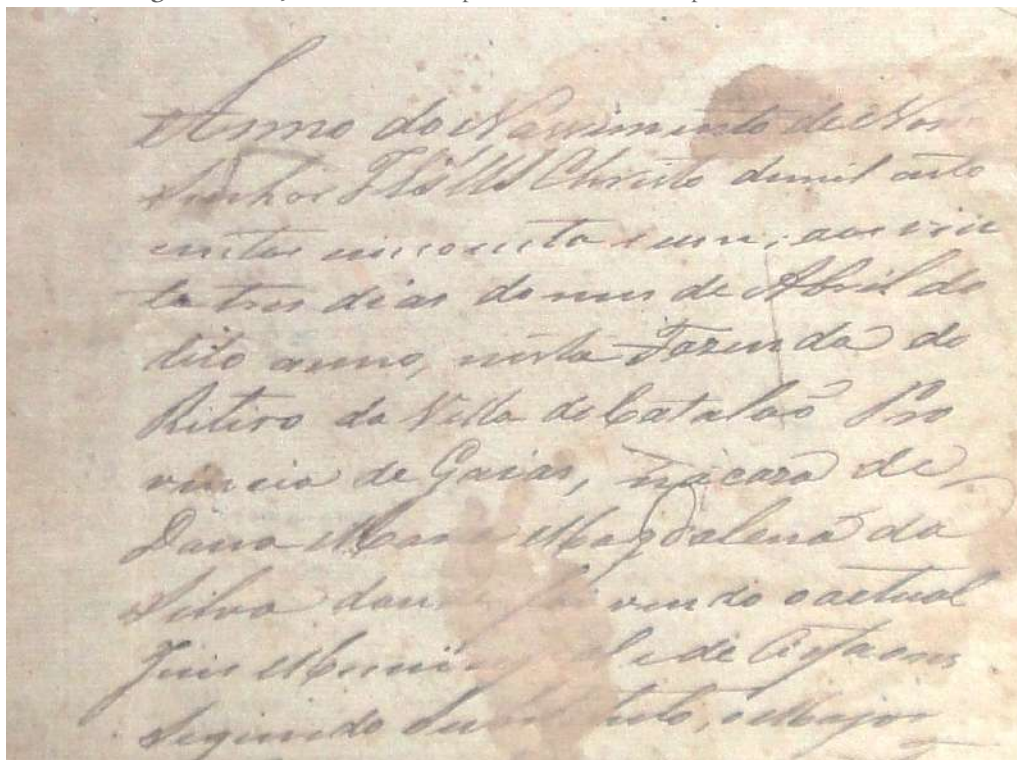
||01r.|| [espaço] 1841 [espaço] <folha1> | Conto do Testamento do finado Joaquim | Jozé daSilva, tomada oTestamenteira | Donna Antonia Silveria de Almeida | Autoação | Escrivam <Novaes[sinal público]> |

Quadro 03 – Ficha codicológica: Processo de 1851.

Cota	Catalão; Arquivo do Fórum da Comarca de Catalão; Processo 181620 da caixa I-19-B
Datação	23 de abril de 1851 (f. 1r)
Lugar de origem	Fazenda do Retiro da Vila do Catalão Província de Goiás
Composição	44 fólios; formato in-fólio;
Organização de página	1 coluna em cada fólio; número de linhas variáveis em cada fólio; sem pauta; numeração por foliação
Conteúdo	Versa sobre a repartição da herança de Claudio Francisco Ferreira

Fonte: a própria autora adaptado de Cambraia (2005).

Imagem 3 – Edição fac-similar de parte do fl. 1r, auto de partilha de 1851.



Transcrição de parte do fl. 1r, auto de partilha de 1851:

||01r.|| Anno do Nassimento de Nosso | Senhor Jesus Christo demil oito | centos cincoenta eum aos | vin | te tres dias do mes de Abril do | dito anno, nesta Fazenda do | Ritiro da Villa de Catalaõ Pro | vincia de Goias, na caza de | Dona Maria Magdalena da | Silva donde foi vindo o actual | Juiz Municipal ede Orfaons | Segundo [ilegível], o Major |

Por fim, ressaltamos que a descrição dos bens listados nestes processos, graças a edição semidiplomatica realizada, está listada entre uma das três pretensões do filólogo apresentados por Spina, qual seja, a função transcendente “em que o texto deixa de ser um fim em si mesmo da tarefa filológica, para se transformar num instrumento que permite ao filólogo reconstituir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em determinada época” (SPINA, 1977, p. 77). Esta pretensão permite, a partir do texto escrito, investigar a língua em toda a sua completude, pelo viés linguístico e sociocultural no tempo e no espaço.

3. Breve contextualização histórica de Catalão

Catalão surgiu em decorrência do movimento do ouro que ocorria em Goiás durante a passagem das bandeiras. Dentre as inúmeras comitivas que vasculhavam o Brasil, destaca-se

a de Bartolomeu Bueno da Silva, que, presumivelmente, foi um dos primeiros bandeirantes a adentrar as terras catalanas. No início, o propósito destas companhias era apenas a mineração e aprisionamento de índios, entretanto, a região de Catalão não se caracterizava como terras auríferas, mas como um local propício para o itinerário para as regiões onde haviam minerações, o que a fez se qualificada como Pouso (PALACÍN, 1994).

Apesar da extinção das fontes de minérios existentes na região, Catalão continuou a crescer, possivelmente, em razão das principais características: entrada estratégicas ao território goiano e terras aptas para o cultivo agropecuário. Os documentos analisados perpassam o período de Vila da região, que segundo Azzi (1937) ocorreu no dia 12 de fevereiro de 1834, após elevação da freguesia de natureza colativa da capela Curada da Senhora da Mãe de Deus, até o dia 20 de agosto de 1959, quando se tornou cidade.

Em razão da multiplicidade de imigrantes que passaram e/ou alojaram na região, como os escravos e portugueses, além dos aldeamentos indígenas que já existiam no local, foi incitado e/ou acrescentado novas formas a cultura imposta pelos portugueses. De acordo com Paula (2005), no português falado pelos brancos foram agregados uma mistura de dialetos africanos e línguas indígenas. Isso ocorreu, em razão da necessidade de comunicação, o que fez com que certos signos fossem integralizados no cotidiano do falar do branco. São nestes registros que os lexemas se individualizam semanticamente e caracterizam o discurso catalano.

4. Inventário lexical

Como sabido, a linguagem jurídica é tabular e formulaica e pode ser identificada em qualquer instituição pública. A composição deste gênero é bastante heterogênea, isto é, possuem vários tipos documentais para estruturar o processo no todo. De forma geral e comum em todos os processos, a estrutura é da seguinte maneira: (i) introito, onde se identifica o local de falecimento de abertura do processo, o escrivão, o juiz e os estados conjugais do inventariado; (ii) notificação dos avaliadores; (iii) rol dos herdeiros e legatários, como esposas, filhos, parentes, netos, amigos etc.; (iv) arrolamento dos bens, que vão deste as benfeitorias, as terras, os animais de criação, ferramentas, metais, escravos, dinheiro etc.; (v) dívidas e créditos; (vi) relações de escravos; e (vii) folhas de contas, do monte-menor, monte-mor, meação, terça, compras e vendas de patrimônios, processos de partilhas e outras (LIMA; SILVA, 2010; BELLOTTO, 2002). Distinguir essa estrutura foi necessário para que pudéssemos identificar e arrolar as lexias que foram analisadas.

No código do ano de 1839, listamos os bens: **escravo, espingarda, recoteloins, arma fulminante, jogo de pistola, relógio de corrente, prato, jarro de estanho, bacia, caixa, caixão,**

par de dragonas, banda de cinto, cartucheira com apito, capacete, enxada, foice, machado, sela, arreio, mesa, tacho, paiol, forma de açúcar, engenho, moinho, monjolo, catre, tamborete, cavalo, forno de cobre, boi, vaca parida, novilho. No códice do ano de 1841 foram arrolados apenas o bem **escravo**, isto porque, se tratava de um processo de Conto de Testamento. No códice do ano de 1851 foram arrolados os bens: **escravo, tear com pertences, aparelho de ferrar, ferragem de moinho, égua, arreio, carro, ferramentas de terras.**

Faz-se necessário mencionar que as lexias em tela não são exclusivamente de Catalão, elas também foram e são utilizadas em muitas outras regiões do Brasil. O nosso intuito em descreve-las é, como dito, fazer conhecer, mesmo que de maneira basilar, a realidade cultural de Catalão em parte do século XIX.

5. Algumas considerações sobre os bens culturais da Vila de Catalão

Os bens descrevem inúmeros objetos que integram os vários ambientes de vivência social dos sujeitos catalanos. Desde moveis que compunham a mobília de casa aos utilizados nas labutas diárias dos sujeitos da roça. Estes elementos, ou seja, os bens que compunham a realidade à época dos oitocentos, possuíam um valor cíclico, enraizado e sazonal, características que delimitam a cultura popular (BOSI, 1992).

As interpretações das lexias definidas nesta sessão foram realizadas com base nas definições do dicionário Moraes (1813) e o dicionário contemporâneo Houaiss e Villar (2009). Essas consultas foram necessárias, pois apenas o contexto dos manuscritos não são suficientes para fornecer um significado para cada lexia.

O bem recorrente em todos os três processos analisados foi o **escravo**. A repetição desse item atesta, em primeira vista de análise, a existência do cativo em pequenas urbes. Como exposto anteriormente, sabe-se que os escravos acompanhavam as bandeiras durante a extração de minérios, como Catalão não possuía terras auríferas, um Pouso foi firmado na região para alojar os bandeirantes que adentravam as regiões mineradoras. Obviamente que para manter o Pouso deveria ser deixado mão de obra escrava para o cultivo agropecuário. Após findar o ouro em Goiás, os escravos que aqui ficaram eram utilizados como carpinteiros e nas lavouras. Enfim, o cativo, tanto no período das bandeiras quanto no processo de urbanização da região, era exclusivamente empregado como operários das atividades agropecuárias.

Aspectos que atestam a sua valiosidade é perceptível até mesmo no cuidado de descreve-lo no processo. O cativo foi o único bem descrito no testamento, inventário e partilha. O mesmo não acontece com os outros bens, por exemplo, o testamentário não tem a preocupação de descrever os

seus bens, salvo os escravos, no testamento. A menção dos outros patrimônios é feita apenas pela testamenteira e/ou pelos avaliadores.

Outro aspecto que o corrobora como o escravo era um bem estimável é o fato de ser aberto um outro processo, como aconteceu com o Conto de testamento lavrado em 1841, para apurar se o fadário que lhe foi incumbido durante o processo de 1839 realmente ocorreu.

No ambiente agropecuário os trabalhadores se valiam também de suas importantes ferramentas de trabalho, por esse motivo vários itens para esta finalidade foram inventariados, como o **machado**, ferramenta utilizada no trato com a madeira, a **enxada** e a **foice**, utilizadas para o preparo da terra durante o plantio e no uso da colheita, respectivamente.

Nas terras que eram utilizadas tais ferramentas também eram criados os animais servidos nas lidas cotidianas da lavoura ou no mantimento da alimentação. Por exemplo, as **égua**s e os **cavalos** eram utilizados no transporte de pessoas e na tração de alguns meios de transporte, como a carroça. O **boi**, a **vaca**, **novilho** e **recoteloins** (definido por Moraes (1813) como porco) eram utilizados como fonte de alimentação, seja do leite ou da carne. As vacas ainda tinham a função de procriarem. Os bois eram utilizados ainda para puxar o carro de boi.

O **carro de boi** era considerado no século XIX, de acordo com Souza (2003), o principal veículo de transporte de cargas, seja na própria região ou entre estados. Por este motivo ele foi um meritório elemento que contribuiu para a expansão econômica do país. Por ser um bem importante à época, suas partes constituintes tinham inúmeros valores, o que justifica ser inventariado uma **mesa de carro**. Segundo Souza (2003), a mesa é a parte do carro que faz alusão ao formato da tampa de um violão, constituída por um conjunto de quatro peças: o recavém, a cheda, o assoalho e o cabeçalho. Nesta parte do carro várias outras peças se articulam, por exemplo, os arreios.

A equipação do carro exigia o uso de alguns utensílios que trelavam os animais ao carro. Entre estes equipamentos, encontramos a descrição de vários tipos de **arreios**, um tipo de apetrecho utilizado para direcionar a cabeça dos animais de montaria, facilitando a guiagem do animal. Também é inventariada uma **sela**, peça acolchoada colocada no lombo do cavalo.

O **aparelho de ferrar** poderia se referir a um instrumento utilizado na fixação de ferraduras em cavalos ou utilizado na marcação de gado e/ou cativos, e até mesmo à vara utilizada para colocar ordem nos bois das cangas ou ferrar a roda de um carro.

Alguns instrumentos de grande porte também são listados no inventário, como o **monjolo**, um tipo de engenho movido à água; um **paiol**, um tipo de galpão utilizado para armazenagem; um **engenho**, uma máquina destinada à moagem da cana para o fabrico de açúcar, aguardente etc.; um **forno de cobre**; e uma **ferragem de moinho**, peça da máquina de moagem.

Os produtos que eram feitos com estes instrumentos poderiam ser armazenados nas caixas e caixões, respectivamente, de acordo com as definições de Morais (1823), um recipiente que contenha açúcar e um recipiente vazio. Apesar da primeira distinção entre as duas lexias dar a impressão de diferirem apenas no tamanho devido ao grau aumentativo de cada substantivo, seus significados se devem ao que possuem no interior. Sendo assim, sabe-se que as caixas estão sendo inventariadas contendo algum produto, enquanto os caixões estavam vazios. Esta informação se corrobora ao compararmos o valor de cada bem:

Jnventariante foi dado mais a | Jnventario hum Caixaõ que | os Avaliadores avaliaraõ pella
| quantia de dois mil eseis cen | tos reis comque se say _____
(Fólio 12 verso, processo de 1839).

Pela dita Jnventariante Cabeça | de Cazal foi dado mais adescrẽ | ver neste Jnventario
hum par | deCaixas que os Avaliadores a | valiaraõ pella quantia de || 13r || de seis mil reis
que say _____
(Fólio 12 verso e 13 recto, processo de 1839).

Possivelmente, o produto poderia ser açúcar, vez que são arrolados **formas de açúcar**.

Também são inventariados móveis de uso residencial. São inventariados um **jarro de estanho**, **pratos**, **bacia**, **tacho**, um tipo de cama dobrável nomeada de **catre** e um tipo de assento sem encosto e braço denominado de **banco**. Estes bens podem parecer, nas vistas hodiernas, insignificantes, contudo, a época, eram de suma importância para os seus possuidores, por exemplo, eram nestes tachos que se cozinhavam o alimento obtido nas lavouras ou onde eram produzidos os açúcar que ficavam alojados nas caixas.

Há ainda a ocorrência do bem **tear**, uma máquina artesanal usada no fabrico de tecidos. No período, a prática da tecelagem artesanal era imprescindível a vida do homem e mulheres da região, isto porque, a distância dos polos comerciais obrigavam a produzirem seu próprio vestuário e agasalhos.

Em razão do falecido do processo de 1839 ser um ex-militar, foram arrolados os seus pertences relativos a sua profissão de sargento, são elas: **cartucheira com apito**, peça, geralmente de couro ou lona, usada na cintura para guardar cartuchos de arma de fogo; **arma fulminante**, um tipo de arma de fogo; **jogo de pistola**, um tipo de arma de fogo portátil; **par de dragonas**, um tipo de adorno colocadas no ombros das fardagens dos militares; **banda de cinto**, um tipo de cinta de oficiais; um **relógio com corrente**, também conhecido por relógio de bolso.

Como explicado por Coseriu (1977), os bens com sentidos semânticos próprios dispostos em uma rede semântica são responsáveis por dar a conhecer as práticas que caracterizam o contínuo da economia e sobrevivência local. Cada bem tem uma função, por exemplo, o boi e o carro de boi são

bens específicos que foram avaliados no processo separadamente, contudo os dois são responsáveis por todo e qualquer transporte. Sendo assim, a história de Catalão está matizada nestas lexias que nomeavam, representavam e transmitiam as concepções sociais e culturais da comunidade a época.

Considerações finais

Este trabalho teve o escopo de somar-se aos inúmeros trabalhos já realizados que perpetuam a ideia de que a língua é um fato social que manifesta todas as situações sociais, culturais e religiosas que nela se inscrevem. Como exemplificado pela análise dos manuscritos, o ajuntado de um determinado grupo de lexias dá sentido a vida social e cultural dos sujeitos catalanos em parte do século XIX.

Nosso propósito de análise, ao conferir significado a uma unidade léxica e associa-la com outros pertencentes a um mesmo eixo paradigmático, teve a pretensão de reforçar que é por meio das estruturas da língua que uma cultura também se presente em/para um dado grupo social.

Os bens nos demonstraram que o sistema econômico-social se assegurava pelo arranjo de elementos materiais e culturais, como os escravos, tachos, carros de boi, enxadas e tantos outros bens assenhorados pelos herdeiros responsáveis pela prossecução da cultura local.

Os bens descritos dão a conhecer ainda as inter-relações dos diversos componentes do sistema econômico da época em Catalão: uma comunidade assentada em práticas agropecuárias. Vê-se que essa atividade perdurou durante as três décadas que Catalão esteve na condição de Vila, tendo as mesmas bases econômicas, vez que, tornou-se Cidade no ano de 1859.

Referências bibliográficas

- AZZI, Antonio Jorge. **Catalão Ilustrado**. São Paulo: Linotechnica, 1937
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. v. 1. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2001. p. 13-22.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documentos de arquivo. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308-345.

- CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. Martins Fontes: São Paulo, 2005.
- COSERIU, Eugenio. **Principio de semântica estrutural**. Madrid: Editorial Gredos/Biblioteca Románica Hispánica, 1977.
- FACHIN, Pablo Roberto Marchis. **Descaminhos e dificuldades: leitura de manuscritos do século XVIII**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2008.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. v. 1. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2001. p. 91-100.
- LIMA, Igor de; SILVA, Patrícia Garcia Ernando da. Tipologia documental. In: SAMARA, Eni de Mesquita (Org.). **Paleografia, Documentação e Metodologia Histórica**. São Paulo: Humanitas, 2010. p. 147-253.
- LIVRO de Iuizo de orfaons do ano 1839**. 55 fólios. Acervo digital do Laboratório de Estudos do Léxico, Filologia e Sociolinguística do Departamento de Letras da UFG-CAC: Catalão-GO, 2013.
- LIVRO de Conto de Testamento do ano 1841**. 24 fólios. Acervo digital do Laboratório de Estudos do Léxico, Filologia e Sociolinguística do Departamento de Letras da UFG-CAC: Catalão-GO, 2013.
- LIVRO do ano 1851**. 44 fólios. Acervo digital do Laboratório de Estudos do Léxico, Filologia e Sociolinguística do Departamento de Letras da UFG-CAC: Catalão-GO, 2013.
- MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. **Por minha letra e sinal: Documentos do ouro do século XVII**. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.
- MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1975.
- MORAIS SILVA, Antonio. **Diccionario da lingua portugueza**. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. 2 tomos.
- Ordenações Filipinas**, vols. 1 a 5. Edição de Cândido Mendes de Almeida, Rio de Janeiro, 1870. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242733>>. Acesso em: 25 nov. 2019.
- PALACÍN, Luís; CHAUL, Nars Fayad; BARBOSA, Juarez Costa. **História política de Catalão**. Goiânia: Editora da UFG, 1994.

- PAULA, Maria Helena de. Traços de conservação no português falado no Brasil: um estudo de manuscrito bandeirante oitocentista e de narrativa oral contemporânea. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, Catalão, v. 6-7, n. único, p. 143-173, jan./dez. 2005.
- PAULA, Maria Helena de. Inventário lexical sobre escravidão negra em Goiás em registros paroquiais. In: PAULA, Luciane de; PAULA, Maria Helena de. **Confluências na linguagem: língua, discurso e ensino**. 1. ed. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2013. p. 41-52.
- POTTIER, Bernard. As Estruturações Internas. In: POTTIER, Bernard. **Linguística geral: teoria e descrição**. Tradução e adaptação portuguesa de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença: Universidade Santa Úrsula, 1978. p. 257-282.
- SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977.
- SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. [1921]. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Org. Charles Bally; Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 1970.
- SOUZA, Bernardino Jose de Souza. **Ciclo do carro de bois no Brasil**. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 2003.
- VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almeida, 1979.
- SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. [1921]. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Org. Charles Bally; Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 1970.
- SOUZA, Bernardino Jose de Souza. **Ciclo do carro de bois no Brasil**. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 2003.
- VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almeida, 1979.